

Música: Show de Wagner Tiso reinaugura antigo cine Ricamar • 2

SEGUNDO CADERNO

Mapas: Candido Mendes reedita o Atlas do Império do Brasil • 6

SEGUNDA-FEIRA, 18 DE DEZEMBRO DE 2000

A música do doutor

Nei Lopes lança disco autobiográfico comemorando os grandes sucessos da carreira

Mario Adnet

Especial para O GLOBO

A noite de hoje em Vila Isabel promete esquentar. Nei Lopes espera os amigos que participaram do CD "Letra e música" para uma audição regada a muito chope no Planeta do Chopp. E os convidados vão de A a Z, de Alcione a Zeca Pagodinho, Wilson Moreira, Chico Buarque, Arlindo Cruz e Sombrinha, Dudu Nobre, Martinho da Vila, Joyce, Guinga, Fátima Guedes, João Bosco, MPB4, D. Ivone Lara, Emílio Santiago, Dunga, Zé Renato e o grupo Toque de Prima. O compositor, que prepara para o ano que vem um dos grandes projetos de sua vida, a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, um verdadeiro tratado sobre as realizações da comunidade negra em nível mundial, fala sobre o novo projeto, sua vida musical, parceiros e religiosidade.

• **BERÇO:** "Nasci em 1942 no Irajá, subúrbio do Rio, filho de pais idosos, ambos do século XIX, e caçula de 12 filhos. Essa circunstância me balizou muito porque o assunto mais recorrente na minha obra sempre foi o passado. Aliás tem até gente me estudando em forma de tese de mestrado. Meu pai era operário, trabalhou nas obras da Avenida Central em 1910 e depois foi funcionário da Casa da Moeda. Não conheceu nem pai nem mãe, foi deixado na casa de estranhos e trabalhou desde os 6 anos de idade. Nasceu meses antes da abolição mas assim mesmo ainda foi um pouco escravo. Minha mãe era doméstica, tinha uma condição melhor, foi criada no seio de uma família do Catumbi, onde havia música em casa. Meus tios eram músicos amadores, chorões e o ambiente era muito musical. Meu pai gostava muito mas era mais chegado na dança, um exímio dançarino, frequentador de salões de baile. Irajá tinha todas as características de cidade do interior com quermesses, as coisas girando em torno da igreja, fazendas, quintais. Nós praticamente não saíamos de casa, até por causa da condição social. Meus pais recebiam meus tios, os amigos músicos e isso plasmou a musicalidade na família. Fui o único que teve peito de encarar a música profissionalmente e de enfrentar todos os preconceitos da época, que eram muitos. O caminho que procurei para mim foi na contracorrente mesmo. Como fui o 12º filho, tive mais condições de seguir os estudos até o fim".

• **ESCOLA:** "No ginásio fui para um semi-internato onde havia muitos negros oriundos de comunidades de samba. Era inevitável. Muito importante também foi uma tia da minha irmã mais velha, do primeiro casamento do meu pai, que era compositora da Portela. Na carteira dela tinha escrito: "Fulana de tal, matrícula nº 5, compositora e cozinheira". Essa senhora reunia a molecada para fazer uma mini-escola de samba. Nós fazíamos os instrumentos com latas de manteiga e usávamos papel de saco de cimento em vez de couro. Ela passava para gente sambas de sua autoria, incentivava o improviso e dessa maneira foi inoculando na garotada essa coisa do samba. Só que o ambiente do samba era proibitivo, pelo menos dentro dos padrões da minha família. Tinha sempre a questão de acharem vagabundagem e até mesmo um certo racismo. Éramos nos misturando com os mais escurinhos. No ginásio, por ironia do destino, o samba então me pegou legal e o interesse pela poesia escrita também aflorou. Ainda não imaginava que pudesse



NEI LOPES faz show no Planeta do Chopp para promover o lançamento do disco "Letra e música": autobiografia

compor. Fiz amizade com um colega, Maurício Teodoro, que faz parte da Velha Guarda do Salgueiro e de quem sou amigo até hoje, que foi quem me levou para a Escola de Samba. Ele era do morro e, embora eu morasse em Irajá, que era longe, minha primeira ligação oficial foi com o Salgueiro. Comecei a participar da escola em 1963, no ano em que o enredo era "Xica da Silva", e lá fiquei até 1989. Nessa época, paralelamente, cursava a faculdade de Direito. Com a informação musical que tinha de casa eu não tocava instrumento nenhum mas sabia pegar um cavaquinho ou um violão e achar um tom para sair cantando. Meu irmão mais velho era um grande violonista amador e tinha facilidade de pôr melodia em versos. Um dia pedi a ele que pusesse música num soneto que escrevi, daqueles "alambicados" — eu estava apaixonado — e nasceu o primeiro samba-canção. A partir daí percebi que podia fazer isso de chifra, de lazer e de vez em quando fazia. Na segunda metade dos anos 60 criamos lá em casa um bloco de carnaval, o Bloco de Rascu-

inho, com três compositores, um deles eu, e o negócio ficou mais sério, começou a produção".

• **ADVOGADO:** "Formei-me em direito em 1966, fiquei um tempo advogando na área imobiliária, fazia despejos e às vezes até um desquite, divórcio nem existia naquele tempo. Mas chegou a um ponto que a advocacia começou a me sufocar muito, esse negócio de assimilar os problemas dos outros já não me deixava dormir direito. Resolvi abandonar a profissão e tive o apoio da minha ex-mulher, que era bem empregada e segurou a onda. Comecei a procurar trabalho na área de criação, publicidade, pela facilidade que tinha para escrever. O Luis Carlos Saroldi, que trabalhava no estúdio JB, foi quem me deu a primeira oportunidade de fazer textos para audiovisuais (slide com narração). Deu certo e comecei a trabalhar também para outras produtoras. Até que um dia fui parar na produtora do Jorge Abikalil, que queria incrementar essa área de audiovisual. Depois de conversar com ele achei melhor

não tentar mais nada por lá. Foi quando entrou pela sala o maestro Cipó, com o sax pendurado, e a Zézé Gonzaga carregando um monte de partituras. Então soube que ali era uma produtora de jingles e resolvi ficar. Fizemos alguns audiovisuais até que um dia faltou quem fizesse um jingle, encomendado na urgência".

• **COMPOSITOR:** "Depois de um tempo compondo jingles para a produtora, conheci o Reginaldo Bessa, que também tinha uma, e me convidou para trabalhar com ele. Como lá o volume de trabalho era menor, ficávamos ali compondo juntos até que tivemos um samba, até meio devagar, chamado "Figa de Guiné", gravado pela Alcione em 1972. A partir dessa primeira música gravada nasceu o Nei Lopes, compositor profissional. Sempre gostei mais de samba por estar nesse meio, mas cheguei a compor outros gêneros. Hoje estou conseguindo me libertar dessa coisa do sambista. Tenho novos parceiros como o Guinga e a Fátima Guedes. Aliás essa divisão de MPB e samba

é altamente preconceituosa. Só serve para imobilizar".

• **PARCEIROS:** "Em 1975 conheci o Wilson Moreira, que tinha um estilo de compor muito peculiar e espontâneo, com vivência de interior. A família dele é da região de Miguel Pereira, zona de jongueiros. O tipo de melodia do Wilson me interessava muito por causa disso e a nossa parceria se tornou um casamento perfeito. Além disso ele era compositor ligado à escola samba há mais tempo do que eu. Pegou uma época na escola de samba melhor e tinha uma formação de sambista mais completa. Outro dia estive fazendo um levantamento, e das cerca de 250 composições que tenho gravadas, a parceria com Wilson representa um quinto desse total. Outros parceiros frequentes são o violonista e compositor Claudio Jorge e o Zé Luiz, compositor do Império Serrano, e tem os ocasionais, como Martinho da Vila e o próprio João Nogueira. De 1975 até 1980 o samba estava numa boa fase com a Clara Nunes, o Roberto Ribeiro, Beth Carvalho, o João Nogueira, o que fez deslançar a minha parceria com Wilson. Era quase uma grife, embora pareça mais razão social de firma de material de construção: Moreira e Lopes. Fizemos dois discos juntos na EMI".

• **NEGRITUDE:** "Estou realizando um sonho antigo que é a Enciclopédia Brasileira da Diáspora Africana, todas as realizações da comunidade negra em nível mundial. Primeiro a África como grande pano de fundo, sua história, os povos africanos que influenciaram na constituição das populações negras nas américas. E também a presença dessas civilizações na Europa, na Índia, onde também houve escravidão. Como curiosidades a revelação de africanidades insuspeitas como o famoso escritor Puchkin, considerado o pai da literatura russa, que era neto de um africano que foi escravo do Tzar e se orgulhava muito disso, e o escritor francês Alexandre Dumas que tinha uma carapinha alourada. Comecei a me interessar pelo assunto ainda garoto. Tínhamos muito pouco referencial positivo sobre negritude aqui no Brasil. Então me voltei para os Estados Unidos. Costumava colecionar fotos de Charlie Parker, que eu ainda não tinha ouvido, o Duke Ellington com aquela elegância toda, que recortava das revistas. Isso foi muito importante para manter a auto-estima. Hoje quase ninguém sente mais isso, mesmo que a questão ainda não esteja resolvida".

• **RELIGIOSIDADE:** "Sou uma pessoa religiosa e mantenho o meu templo na casa que tenho em Sero pédica. Minha mãe era envolvida com religião africana. Era um culto de ancestrais sem nenhuma intelectualização. Tinha uma preta velha que dava conselhos à família, socorria nas aflições. Fui me aprofundando nessa questão da religião através do Candomblé, que oferece mais possibilidades de uma abordagem científica. Depois disso o meu relacionamento com Cuba me levou a uma outra vertente que é a tradição de Ifá, o orixá da adivinhação, da sabedoria, da escrita. Quando existe a necessidade de mobilizar energias um pouco mais fortes tenho as pessoas mais velhas que me ajudam, como o babalaô cubano que mora no Brasil, Vilfredo Nelson, que é o meu padrinho. Isso tudo me dá segurança, me sinto bem física e mentalmente nos meus 58 anos de idade".

MARIO ADNET é compositor e arranjador